

|sopa de letrinhas| livros | discos | entrevista | cinema | vídeo |

|cultura|

## O fundo secou

JACQUELINE IENSEN

O secretário de Estado do Turismo, Esporte e Cultura Gilmar Knaesel afirmou ontem que a área cultural está paralisada em Santa Catarina. A não aprovação de projetos para o ano 2009 foi justificada com a queda brutal na arrecadação do Estado.

Outro fator que acarretou a morosidade na definição dos projetos é a falta de recursos no recém-criado Fundo Estadual de Cultura. O fundo atende à nova legislação que determina que, ao invés de permitir que o produtor da proposta aprovada saia em busca de patrocinadores, ele tenha garantido automaticamente o dinheiro para a execução de sua proposta. O dinheiro para viabilizar a produção depende da iniciativa privada.

As declarações do secretário foram dadas em função do ofício que o presidente do Conselho Estadual de Cultura (CEC), Péricles Prade, encaminhou na semana passada a Knaesel. No documento, o escritor e jurista se diz inconformado com o tratamento que o Conselho vem recebendo da secretaria, visto que, após insistentes convites, nem o titular da pasta e tampouco o responsável pela gestão dos fundos aceitaram para participar das reuniões do CEC. Péricles alerta para o risco de a demora comprometer a realização dos eventos programa-

dos para o primeiro semestre deste ano.

— A demora tem dois motivos: a nomeação tardia dos conselheiros e falta de dinheiro em caixa — justifica o secretário.

As dificuldades financeiras já tinham sido comentadas na posse do CEC, mas com a promessa de reação pela secretaria com o anúncio de campanha que seria articulada pela Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte, com o governo do Estado, a fim de estimular o empresariado a investir, por meio do ICMS, nos fundos de incentivo ao turismo, cultura e esporte.

— Temos de reagir aos efeitos da crise que atinge o setor privado — disse Knaesel no discurso onde deu posse aos novos conselheiros.

Sem as verbas para sustentar novos projetos, Knaesel diz que vai dar prioridade às ações culturais em andamento que foram aprovadas no ano passado e aos projetos mantidos pela Fundação Catarinense de Cultura.

Mesmo com tanta crise, o secretário diz que a reforma do CIC está garantida.

— A verba de R\$ 6,5 milhões para a primeira parte da reforma já está em caixa — garante o secretário.

Knaesel também disse que vai marcar uma reunião para os próximos dias com o presidente do Conselho, Péricles Prade, e diz que entende a angústia dos conselheiros que devem estar sendo pressionados pelos produtores.

# Nas grades do tempo

Deportado do Brasil há 20 anos, alemão lança livro no qual revive seus quatro anos de cadeia no país



TERESA MELLO

Correio Braziliense/DC

**E**le ainda fala um português de gringo com sotaque carioca. Depois de ter sido deportado para sempre do Brasil 20 anos atrás, o alemão Rodger Klingler, 44 anos, mergulha na memória para reviver a tentativa de sair do aeroporto do Rio de Janeiro com 1kg de cocaína embutida nas ombreiras do casaco. Era véspera de Natal, 24 de dezembro de 1984. Foi barrado logo na alfândega e levado para a carceragem da Polícia Federal, na Praça Mauá, onde, conforme relata no seu segundo livro, *Memórias do Submundo*, os policiais cheiraram a mercadoria de origem boliviana na frente dele. E confiscaram 500g. Resultado: respondeu a processo por tráfico de 500g da droga.

Condenado a quatro anos e meio de detenção, cumpriu pena em três presídios: Água Santa (penitenciaría Ary Franco), Galpão (presídio Evaristo de Moraes, na Quinta da Boa Vista) e Lemos de Brito (do Complexo Frei Caneca). No início, ele se sentia como se estivesse em um filme. *Enxergou o valor de um cobertor, um colchonete, um sabonete e uma escova de dentes. E também a multidão de baratas e ratos. À noite, era sacudido pelo "grito dos mortos" (execução de presos por facção rival). Sem apoio do consulado e da família — até hoje a mãe e o único irmão não falam com ele — deu um jeito de não enlouquecer.*

*Sem dinheiro e sem amigos, começou a receber ajuda inesperada: uma prostituta de Copacabana arranjou-lhe um advogado e um colega de cela repartiu os quitutes trazidos pela mãe. Mas os maiores benefícios chegaram por meio do trabalho de catalogação dos 1,5 mil livros da biblioteca, que acarretou remissão de seis meses da sentença, e do professor voluntário de português Arthur Ribeiro Bastos Filho, com quem aprendeu que ser íntegro e honesto vale a pena. Casado e com uma filha de 13 anos, trabalha com jovens desajustados numa escola em Ingolstadt, perto de Munique, de onde concedeu esta entrevista.*

**Pergunta — Como foi recordar as viagens ao Brasil e os quatro anos de prisão?**

**Rodger Klingler** — Certas coisas na vida você nunca esquece. Você pode até viver bem com elas, mas elas marcam a gente. Algumas lembranças foram duras, mas também tenho lembranças "que meu coração está rindo". É a minha história e ela vale a pena ser escrita. Saí do inferno, mas muitos outros ficaram. Sinto muita pena da miséria que vi durante quatro anos.

**Pergunta — Você diz que conheceu um traficante negro, morador da favela Santa Clara**

**e estudante de arquitetura. Essa pessoa existiu?**

**Klingler** — Sim, essa pessoa existiu mesmo. Ele era da favela. É incrível, porque todo mundo pensa que as pessoas na favela não têm estudo. A maioria pode ser, mas encontrei muitas pessoas normais na favela.

**Pergunta — Antes de vir ao Brasil, seu único contato com drogas havia sido em palestras de prevenção na escola. Quando você chega, conhece logo prostitutas e o alemão Volker, um pequeno traficante do asfalto. Como foi essa mudança?**

**Klingler** — Eu tinha 18 anos e as circunstâncias que encontrei no Brasil, tudo rolou assim. Fui viver em Copacabana e você sabe que lá se encontra essa gente. Eu sabia o que todo mundo sabe sobre Copacabana, o que está esperando encontrar: mulheres, drogas, essas coisas. Claro que você sempre tem escolha, mas acho que todo mundo tem um destino e talvez eu tivesse de passar por isso, escrever esse livro.

**Pergunta — Você ainda sonha com essa experiência?**

**Klingler** — Às vezes. Nos últimos tempos mais, porque quando escrevi o livro, eu tinha de recordar. Quando saí do Brasil (em janeiro de 1989), tive problemas, suave, não conseguia dormir direito, tinha pesadelos. Fiz um tratamento psicológico e as coisas ficaram mais ou menos em ordem.

**Pergunta — A vida na cadeia geralmente é mostrada como um sofrimento sem fim. Mas você conta que também há risos e bons momentos. Pode citar alguns?**

**Klingler** — Quando fiz os dois gols no jogo contra o time dos policiais. Eu raramente fui mais feliz. Quando conversava com os colegas, porque para mim tudo era novo, quis saber de tudo, eu entrei num mundo que parecia um filme. Mas o pior é que você pode morrer à toa, sem ter nada a ver. Você tem que cuidar da sua vida o tempo todo. E a péssima alimentação, para quem não tem dinheiro ou assistência da família. Vi muitos presos morrerem por causa de uma simples inflamação, por falta de antibiótico.

**Pergunta — Você escreveu que aprendeu muito a respeito da vida nas penitenciárias brasileiras...**

**Klingler** — Aprendi a valorizar as coisas simples como alimentar bem, avaliar o que significa viver em liberdade, reconhecer que hoje, mesmo não sendo rico, você não pode reclamar, porque, ao contrário de muitos, você leva uma vida boa, tem casa, geladeira, cama para dormir, essas coi-



DIVULGAÇÃO

sas a que antes eu não dava valor.

**Pergunta — Na tentativa fracassada de embarcar com 1kg de cocaína, você foi encaminhado à sede da Polícia Federal, na Praça Mauá. Você afirma que o delegado fungava e que havia pó no bigode dele.**

**Klingler** — Na sala, todos os policiais federais cheiravam a minha cocaína na minha frente. Parece que gostaram da mercadoria e já tiraram metade da quantidade porque, quando fui processado, tive de me responsabilizar por 500g. Você imagina que não reclamei, né?

**Pergunta — Chama a atenção a parte em que você está no hotel tentando colocar 1kg da droga dentro de sabonetes para embarcar. Você cheira pó, raspa o sabonete, cheira mais e descobre que em cada um deles só cabiam 30g. No final, você cheira raspas de sabonete pensando que era cocaína.**

**Klingler** — Que momento horrível! Olha, disso não quero lembrar porque foi um momento muito escuro na minha vida.

**Pergunta — Você fala que achou "emocionante participar de uma verdadeira negociação de drogas" em Campinas e descreve a experiência como "férias de aventura".**

**Klingler** — Na época, eu estava com 18 anos e a gente se sente meio aventureiro. E você imagina que, para mim, uma transação dessas foi uma coisa! E com a naturalidade toda que aconteceu (um sítio onde o traficante plantava abóboras e vivia com a mãe, a mulher e os filhos), bem diferente do que a gente vê no cinema.

**Pergunta — Inclusive os três pratos de feijoada que você comeu lá.**

**Klingler** — Isso foi o melhor. Eu já fui a vários restaurantes brasileiros aqui na Alemanha, mas a feijoada que se come aqui não se compara. E, na maioria, eles não têm feijoada, oferecem churrasco.

**Pergunta — Que recordação guarda dos três presídios em que ficou?**

**Klingler** — Cada um foi diferente. Agora, o que mais ficou na minha memória foram os gritos dos mortos (execução de detentos) à noite. Com uma certa rotina, você já sabe o que está acontecendo.

**Pergunta — No Galpão, impressiona aquela estrutura com paredes de 4m de altura, telhado a 30m e os presos circulando no alto desses muros.**

**Klingler** — Essa cadeia era uma fábrica antiga e as pessoas andavam nesse muro de uma cela para outra. Era incrível. Acho que a minha história daria um bom filme e tenho um roteiro pronto. Li o livro Carandiru, do Drauzio Varella, e o do Guilherme Fiúza, Meu nome não é Johnny. Nele, achei esquisito o preso receber visita de uma juíza na cadeia. Não consegui me identificar.

**Pergunta — Você diz que recebia poucas cartas da sua mãe e com palavras ásperas. Qual a relação com ela, 25 anos depois?**

**Klingler** — Nenhuma. Fiz tentativas, mas ela não quer. Lamento porque mãe é mãe, né? Foi um erro, mas eu paguei e a vida continua. Tenho só um irmão, mas ele tem a mesma opinião da minha mãe. Eles não conseguem perdoar.

**Pergunta — Ano passado, você teve o pedido negado pelo Ministério da Justiça para vir ao Brasil assinar o contrato do livro com a editora. Tem vontade de voltar?**

**Klingler** — Ah, que pergunta! Eu gostaria de viver no Brasil. Esse fascínio, tenho desde pequeno, não sei por quê. Da primeira vez que fui, me senti em casa. Tenho saudade do mar, da praia, do jeito de viver. Acho que numa vida anterior fui brasileiro.

*Memórias do Submundo*, de Rodger Klingler. Tradução de Elena Gaidano. Editora Best Seller (Rio de Janeiro), 384 págs., R\$ 29

Após refazer a sua vida na Alemanha, Rodger Klingler lamenta não ter conseguido ainda o perdão da mãe e do único irmão

“

Tenho saudade da praia, do mar, do jeito de viver. Acho que numa vida anterior fui brasileiro

**Viaje e faça intercâmbio na Austrália**  
Com quem está lá para te ajudar!  
Mais de 32 anos de experiência!  
Agências na Austrália e serviços exclusivos!

ESTUDE  
TRABALHE  
VIAJE

NA AUSTRÁLIA

Agência Florianópolis 48 3024-3084

São Paulo • Rio de Janeiro • Porto Alegre • Brasília • Santos • Sydney Manly • Sydney City

www.informationbrazil.com.br

**3 ANOS EM CARTAZ!**

Paulo Goulart Filho Belh Goulart

de Heimer Müller  
direção: Vitor Garcia Pereira  
redução e adaptação: Gabriel Camargo  
produção: Patrícia Moraes

**TAC - Teatro Álvaro de Carvalho**  
24/25/26 de abril de 2009

Horários: Sexta - 21h, Sábado: 21h, Domingo: 20h  
Valor: R\$ 60,00 (Inteira)  
R\$ 30,00 (Amadorista e Menor)  
R\$ 45,00 (Sócios do Clube DC)

Teatro Álvaro de Carvalho  
Rua Marechal Guilhaume, nº 26  
CEP 88015-000 - Centro - Florianópolis - SC  
(48) 3022-8070 / 3022-8071

20% DE DESCONTO PARA TITULAR ASSINANTE

Vendas na Biblioteca do Teatro, WPPD, Lojas FORUM (Iguassú e Itaipava) e TURISAN (Caixa Center) e www.novemas.com.br

**Espectáculo Makande**  
música cigana

**Grupo AnKay**

Gabriela Moreo  
Marliano de Delfina

Dias 23 e 24 de abril - 20h  
Teatro da UBRO

Escadaria da rua Pedro Soares, 15,  
(fundo do Colégio Coração de Jesus),  
centro, (48) 3222-0529.

PRODUÇÃO: INSTITUTO JUAZEIRO

20% DE DESCONTO PARA TITULAR ASSINANTE

**A maior rede de Pilates do Brasil**  
cada vez mais perto de você!

**Pilates**

Equipe Ivana Henn

CLUBE DO ASSINANTE 10% DE DESCONTO PARA TITULAR

Beira Mar Centro Coqueiros Kobrasol Lagoa

3024.3677  
www.equipeivanahenn.com